

UMA VIAGEM ATRAVÉS DAS INVISÍVEIS CIDADES DE CALVINO

Manoel Teixeira Azevedo Júnior^(*)

O viajante fala ao imperador. Relata percursos pelas inúmeras cidades que este conquistou. Aquele que domina, que tem para si o império, ao mesmo tempo não o tem, busca conhecê-lo em meandros não imaginados. Ouve atento aquele que tenta tudo ver. O viajante, ao falar das cidades visitadas, ultrapassa o visível, aprofunda o olhar sobre aquilo que os desatentos e colados apenas à superfície das coisas não percebem.

Uma das muitas leituras possíveis do livro *Cidades Invisíveis*, de Ítalo CALVINO(1990), é justamente a da incapacidade do Poder abarcar e dominar o fenômeno das cidades, refletindo sobre a diferença entre a posse e o conhecimento e sobre o caráter permanentemente inacabado deste, sua contínua construção. O Poder caminha na superfície e é capaz de se saturar de todas as informações e representações do visível, tentando controlá-lo. Mas subterraneamente, nas dobras do aparente, um imperceptível mundo se tece. Mundo não controlado, fragmentado, multifacetado, espaço construído pela memória, pelo imaginário, pelos pequenos fatos do cotidiano, e que pode existir apenas, e de modo diferenciado, na história e percepção de cada um, mas que se mistura ou conforma sempre um espaço que é coletivo, memória de todos. Nesta perspectiva, as cidades se assemelham e se confundem.

Marco Polo, o viajante, tenta descrever as inúmeras formas que as cidades que percorre podem tomar e, ao falar de cada uma delas, fala de todas. O Grande Khan, o imperador, aquele que tudo domina, possui um atlas, registro do domínio, cujos desenhos representam todo o globo terrestre e suas inúmeras cidades. E Marco Polo diz:

"Viajando percebe-se que as diferenças desaparecem: uma cidade vai se tornando parecida com todas as cidades, os lugares alternam

^(*) Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC•MG, Mestre pela COPPE – UFRJ

formas, ordens, distâncias, uma poeira informe invade os continentes. O seu atlas mantém intactas as diferenças: a multiplicidade de qualidades que são como as letras dos nomes" (p.125).

Os fantásticos espaços que Marco Polo descreve não estão em lugar nenhum e estão em todas as cidades.

O Grande Khan percebe sua incapacidade de abarcar o império. No afã de conhecer seus domínios e organizar as infinitas formas que vê surgir nos relatos de Marco Polo, tenta pensar o conhecimento das cidades como os movimentos do jogo de xadrez, contemplando *"cada um dos estados sucessivos do tabuleiro como uma das inúmeras formas em que o sistema de formas se organiza e se destrói"* (p.113). Porém, o motivo do jogo lhe escapa. O conhecimento das formas das cidades se vincula à necessidade da conquista, do perder ou ganhar. Mas para que conhecer? Para que conquistar? Na conquista, no fim da partida,

"no xeque-mate, sob os pés do rei derrubado pelas mãos do vencedor, resta um quadrado preto ou branco...A conquista definitiva, diante da qual os multiformes tesouros do império não passavam de invólucros ilusórios, reduzia-se a uma tessela de madeira polida: o nada" (p.113).

A conquista termina em si mesma, se esgota no vazio e seu sentido só pode se recompor, na perspectiva do Poder, em novas conquistas.

Porém, o aparente tem conteúdo, e conteúdo inesgotável, inabarcável pelo mero sentido da posse. Marco Polo diz, em resposta ao imperador: *"O seu tabuleiro, senhor, é uma marchetaria de duas madeiras: ébano e bordo. A casa sobre a qual se fixou o seu olhar foi extraída de uma camada do tronco que cresceu num ano de estiagem"*. E seu olhar percebe o invisível, aquilo que está por trás ou na profundidade do visível:

"Observe como são dispostas as fibras. Aqui se percebe um nó apenas esboçado: um broto tentou despontar num dia de primavera precoce, mas a geada noturna obrigou-o a desistir. Eis um poro mais largo: talvez tenha sido o ninho de uma larva..." (p.122).

É nesta exploração do que aparentemente é o nada, do que parece estar esgotado na superfície do visível, que se escondem as invisíveis cidades de Calvino, aquelas que o viajante descreve ao imperador e que, em certos momentos, não sabe onde e como se constroem. Cidades tecidas pela memória, pela relação com o passado e o futuro, cidades imaginárias mas pulsando vivas no coração de todas as cidades. Em

certo trecho, Marco Polo tem dúvidas sobre o lugar das cidades que descreve. Talvez elas só existam naquele jardim, produto do próprio diálogo entre eles, e o que fala talvez sejam apenas preciosidades retidas dos resíduos podres do real. Cidades construídas no interior de cada um.

“Todas as coisas que vejo e faço ganham sentido num espaço da mente em que reina a mesma calma que existe aqui, a mesma penumbra, o mesmo silêncio percorrido pelo farfalhar das folhas...talvez este nosso diálogo se dê entre dois maltrapilhos apelidados Kublai Khan e Marco Polo que estão revolvendo um depósito de lixo, amontoando resíduos enferrujados, farrapos, papel, e, bêbados com poucos goles de vinho de má qualidade, vêem resplender ao seu redor todos os tesouros do oriente” (p.96).

Assim, estas cidades invisíveis são também cidades interiores, particulares, construídas no encontro do individual e do coletivo. Cada pedaço da cidade é junção de trabalho, cotidiano, memória, enfim história, coletiva e particular ou, dito de outro jeito, daquilo que, no âmbito do coletivo, ganha ressonância específica e individualmente se constrói. O conteúdo das cidades, aquilo que invisivelmente subjaz em seus espaços, é inesgotável e sua percepção depende do que a cada momento nossas necessidades impõem como perguntas ao tempo, ao sentido das coisas, ao escondido e construído fora e dentro de nós.

“As cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa...De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (p.44).

Calvino procura assim falar de um fenômeno, a cidade que é síntese ou reunião das mais ricas experiências humanas acontecendo simultaneamente, porém não numa perspectiva de dissecação racional dos intrincados mundos que interagem na cidade, da ordem ou lógica que conforma seus espaços, perspectiva que é usualmente a do cientista que se debruça sobre os fenômenos urbanos. Tampouco se volta para a captação das “desordens” ou das estratégias informais de organização e sobrevivência social que se contrapõem ou negam a lógica dominante. Sua perspectiva é outra. É a da captação poética de espaços propriamente invisíveis, tecidos na troca de olhares, como em Ercília, “cidade que guarda apenas, através de um emaranhado de fios estendidos, as marcas das relações entre seus habitantes” (p.72). Ou produzidos pelas referências

daquilo que passou e permanece vivo na memória coletiva ou individual. Espaços que podem falar dos medos do futuro, das fantasias do presente ou da mera relação entre a ressonância dos nomes e as formas que eles induzem a imaginar. Espaços que podem ser também a metáfora ou a construção no imaginário da forma das cidades ou do modo como elas crescem, definham e vivem seu dia-a-dia. As cidades que Marco Polo descreve são como cristalizações ampliadas, isoladas, de experiência ou construções imaginárias que convivem e se misturam no âmbito de todas as cidades.

Na construção destas cidades invisíveis a memória joga papel fundamental. De um lado, seus sedimentos, a experiência do passado, construindo a percepção do presente. É o caso, por exemplo, de Fílide, cidade na qual

"... os percursos são traçados entre pontos suspensos no vazio... Os passos seguem não o que se encontra fora do alcance dos olhos mas dentro, sepultado e cancelado: se entre dois pórticos um continua a parecer mais alegre é porque trinta anos atrás ali passava uma moça de largas mangas bordadas, ou então é apenas porque a uma certa hora do dia recebe uma luz como a daquele pórtico de cuja localização não se recorda mais" (p.86).

É a memória diferenciada do espaço conformando leituras particulares deste, dotando cada elemento espacial de um brilho particular, de uma dilatação de significados, que é impregnação do tempo, acúmulo de acontecimentos, referência para o irrompimento das lembranças. Construi-se, assim, toda uma teia de relações entre aquele que percorre o espaço e os diversos marcos ou referências deste. Conforme descreve Marco Polo em relação a Zaíra,

"a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras".(p.14)

Por outro lado, a memória aparece também no sentido oposto, o do presente refazendo, dando novo sentido ao passado. É assim que Marco Polo fala de que

"quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, ... e aprendia a conhecer o porto de onde havia

zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando era criança”(p.28).

A importância da memória e da interação entre passado e presente fica clara na relação que o viajante estabelece com sua cidade de origem, no caso, Veneza. Marco Polo fala que todas as vezes que descreve uma cidade diz algo a respeito de Veneza. Esta permanece como sua referência básica, porém ele se nega a falar dela diretamente. Prefere que o que retém dela permaneça em aberto, fonte inesgotável, constantemente refeita pelo que vê em suas viagens. A memória não é um marco fixado no tempo, ela se refaz, incorpora novos elementos, se enriquece de aspectos adormecidos e subitamente despertados. A memória é viva no presente, faz parte deste, atua no transcorrer do tempo, sendo reelaborada por este mesmo transcorrer. Seus limites não têm fim. E Marco Polo diz:

“As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se. Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco”(p.82).

Assim, as cidades invisíveis se constroem da dinâmica relação de passado e presente. Mas não só disso. Também se fazem dos sonhos do futuro, da constante busca e figuração do que virá a ser, do desejo de instaurar o perfeito, as utopias.

A idéia de utopia é uma constante em toda a experiência humana de construção ou visualização do futuro. Porém ela só é frutífera se encarada como um horizonte constantemente refeito e nunca atingido. O sentido da utopia é adulterado e empobrecido pela vontade de dominar a dinâmica da sociedade, que faz com que a instauração do perfeito, do ordenado, seja uma forma de exercício deste domínio. Um dos modos como se exerce o poder sobre a sociedade é justamente através das idealizações espaciais e da busca de amortecimento dos conflitos pela instauração de espaços ordenados, controláveis, onde tudo é visível. No entanto, estas representações não controlam a invisibilidade do que se tece na memória, no cotidiano, no não quantificável, e que compõe os fragmentos da utopia humana de felicidade e paraíso. E aí novamente se contrapõe a dicotomia inicial entre o olhar de quem detém o poder e tudo quer controlar e o olhar de quem caminha para além do visível. Kublai Khan é o imperador que percebe esta dicotomia e tenta rompê-la através da captação dos relatos sensíveis de Marco Polo. É o imperador que quer ampliar as margens de sua posse, sabendo-as inesgotáveis.

As cidades invisíveis construídas de idealizações são uma constante nos relatos de Marco Polo. Às vezes postas no passado, às vezes na busca da reprodução da harmonia celeste, às vezes na construção da perfeição futura. Porém sempre são vistas como uma impossibilidade. Em Fedora há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo e dentro de cada esfera o modelo para uma outra Fedora.

"São as formas que a cidade teria podido tomar se, por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente. Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes..."(p.32).

Pode-se até chegar à cidade ideal, como num sonho, mas não se consegue vivê-la. A utopia é inalcançável. É o caso do viajante que, depois de longa busca, chega a Isidora, a cidade perfeita. Quando desejava uma cidade ele pensava em todas as coisas que ela possuía.

"Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações"(p.12).

A cidade ideal não se atinge. Ela é um eterno horizonte a alcançar. Porém, de forma fragmentária, descontínua, ela se oferece e está presente a quem souber captá-la. O perfeito se gesta e se movimenta nas teias do imperfeito, ou vice-versa.

Nas cidades convivem as diferenças. O feliz e o infeliz, o justo e o injusto, o poder e aquilo que germina para ocupar o seu lugar. A própria felicidade se materializa e se realiza de forma descontínua e fragmentada no emaranhado das cidades.

"Em Raíssa, cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e se desfaz, depois volta a se estender entre pontos em movimento, desenhando rapidamente novas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe"(p.135).

É assim também em Marósia onde

"quando menos se espera se vislumbra uma cidade diferente, que desaparece um instante depois...Basta o olhar em resposta ao aceno de alguém, basta que alguém faça alguma coisa pelo simples prazer de fazê-la, e para que o seu prazer se torne um prazer para os outros;

naquele momento todos os espaços se alteram, as alturas, as distâncias, a cidade se transfigura, torna-se cristalina, transparente como uma libélula...Não se pode ter a pretensão, no entanto, de estar cumprindo uma operação decisiva. De um momento para o outro a Marósia anterior voltará a soldar sobre as cabeças o seu teto de pedra, teias de aranha e mofo...Marósia consiste de duas cidades – a do rato e da andorinha; ambas mudam com o tempo; mas não muda a relação entre elas: a segunda é a que está para se libertar da primeira”(p.141).

A cidade ideal se tece assim no bojo da cidade real. Não existe como um todo, mas fragmentariamente se constrói e vive no dia-a-dia. O Poder não consegue realizá-la, por mais que tente representá-la e fazê-la existir através das regras e da ordem. Ela se faz justamente no imprevisto, no não intencional, no vislumbrar repentino de mistérios não imaginados, no rompimento das solidões, no amor, na reconquista fugaz do absoluto. As representações da ordem e a vontade de controle que o Poder tenta impor aos espaços jamais darão conta da captação das invisíveis teias de história, de felicidade e vida que latejam no corpo das cidades.

Perguntado pelo imperador sobre a possibilidade futura do surgimento das míticas cidades ideais, Marco Polo reafirma o caráter parcial e descontínuo de sua efetivação, sua constante produção e destruição no presente, a percepção de que a cada momento seus fragmentos se constituem, vivem por maiores ou menores períodos, se dissolvem, voltam a se fazer ali mesmo ou em outros lugares, nas infinitas diversidades e formas de criação da vida nos espaços das cidades. E diz:

“Às vezes, basta uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaços por pedaços a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e não sabe quem capta” (p.149).

Não há um destino bom ou mau para as cidades, elas se constroem no presente. Nelas podem se suceder cidades mais ou menos justas, mas como Marco Polo fala em relação a Berenice, cidade que é uma sucessão no tempo de cidades alternadamente justas e injustas, “todas as futuras Berenices já estão presentes neste instante, contidas uma dentro da outra, apertadas, espremidas, inseparáveis” (p.147). Trata-se de, continuamente, ampliar os espaços da felicidade e da liberdade. Saber reconhecê-los,

vivê-los e torná-los mais amplos, sem jamais ter a pretensão de esgotá-los e dar por concluído o trabalho de sua construção.

Na bela fala final, Marco Polo resume toda uma postura diante das contradições conviventes nas cidades, de como superá-las e saber captar e reconhecer no cotidiano as invisíveis cidades que se tecem no seio do aparente caos, cidades feitas de não inferno no meio do inferno, realizações pontuais, mutáveis, de utopias jamais realizadas como um todo, inscrições do sonho da cidade perfeita no meio da imperfeição.

"O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço"(p.150).

Convite, mapa da mina de como ver, viver as visíveis cidades de mil faces, todas misturadas em invisibilidades que, destacadas por Calvino, ganham luz e se revelam diante de nós, e somem no meio da confusão da cidade de todo dia, tecida de multiplicidades, de simultaneidades de tempos espaços, mudando a cada hora, feita de rotinas e surpresas, de ciclos sempre retomados e sempre renovados: fluir do tempo, em seu transcurso deixando sempre, como disse Drummond, de tudo um pouco.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CALVINO, Italo. *Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 152 p.